

Arqueologia Urbana e História Local

Actas do Encontro de Homenagem a Almeida Carvalho

Joaquina Soares (Coord.)

AMRS - Associação de Municípios da Região de Setúbal

MAEDS - Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal

FIDS - Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal

FÓRUM INTERMUSEUS DO DISTRITO DE SETÚBAL

FIDS

ALCÁÇER DO SAL

Museu Municipal de Alcácer do Sal
Câmara Municipal de Alcácer
do Sal

SANTIAGO DO CACÉM

Museu Municipal de Santiago
do Cacém / Câmara Municipal de
Santiago do Cacém

ALCOCHETE

Museu Municipal de Alcochete
Câmara Municipal de Alcochete

AMRS/MAEDS

Associação de Municípios da Região
de Setúbal / Museu de Arqueologia e
Etnografia do Distrito de Setúbal

SEIXAL

Município do Seixal
Ecomuseu Municipal

ALMADA

Museu Municipal de Almada
Câmara Municipal de Almada

MOITA

Departamento de Acção
Sociocultural
Câmara Municipal da Moita

SESIMBRA

Museu Municipal de Sesimbra
Câmara Municipal de Sesimbra

BARREIRO

Serviços Culturais
Câmara Municipal do Barreiro

MONTIJO

Museu Municipal do Montijo
Câmara Municipal do Montijo

SETÚBAL

Museu Municipal de Setúbal
Câmara Municipal de Setúbal

GRÂNDOLA

Serviços Culturais
Câmara Municipal de Grândola

PALMELA

Museu Municipal de Palmela
Câmara Municipal de Palmela

SINES

Museu Municipal de Sines
Câmara Municipal de Sines

NOTA DE ABERTURA

Com a presente publicação, comemorativa do II centenário do nascimento de João Carlos de Almeida Carvalho (1817-1897), abre-se mais uma larga janela sobre a Arqueologia e História da nossa Região.

Almeida Carvalho deixou um extenso legado de Apontamentos sobre a História de Setúbal, hoje no Arquivo Distrital de Setúbal, cujos documentos originais viriam a perder-se no incêndio dos Paços de Concelho, de 1910. A sua preocupação com o registo da memória colectiva da cidade onde nasceu levá-lo-ia também a atravessar o Sado e a procurar sob as dunas de Tróia um Passado mais longínquo, a cidade de filiação romana.

Ser-me-ia impossível nesta breve nota dar uma ideia, mesmo que resumida, da vida e obra do homenageado, que Setúbal e a Região puderam revisitar através de variada e extensa programação cultural planeada e concretizada desde 11 de Março de 2017 a 9 de Março de 2018 e na qual a Associação de Municípios da Região de Setúbal desempenhou um papel relevante através do seu museu.

Congratulamo-nos, pois, pela activa participação do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS), em parceria com um variado conjunto de organismos públicos como a Câmara Municipal de Setúbal, a União de Freguesias de Setúbal, Junta de Freguesia de S. Sebastião, Arquivo Distrital de Setúbal, e associações culturais como a Liga dos Amigos de Setúbal e Azeitão e a Universidade Sénior de Setúbal.

Actualizar a informação, produzir conhecimento e divulgá-lo é sem dúvida a forma mais nobre de cuidarmos do nosso património, mas também uma via indispensável para a construção do desenvolvimento integrado da nossa Região.

Rui Garcia

(Presidente do Conselho Directivo da Associação
de Municípios da Região de Setúbal)

FICHA TÉCNICA

Edição

Associação de Municípios da Região de Setúbal (AMRS)
Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS)
Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal (FIDS)

Direcção

Rui Garcia (Presidente do Conselho Directivo da AMRS)

Coordenação Editorial

Joaquina Soares

Conselho Científico

António Nabais
Carlos Marques da Silva
Carlos Tavares da Silva
João Luís Cardoso
Mário Varela Gomes
Victor S. Gonçalves
Vitor Serrão

Conselho Redatorial

Antónia Coelho-Soares
Elsa Afonso
Fátima Afonso
Fernanda Pinho
Fernanda do Vale
João Ventura
Luís Pequito
Lurdes Lopes
Maria Ana Judas
Marisol Ferreira
Michelle Santos
Miguel Correia
Sandra Coelho
Susana Duarte
Vitor Mestre

Secretariado e correspondência

Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal
Avenida Luisa Todi, 162 2900-451 Setúbal (Portugal)
Tel.: +351 265 239 265 / +351 939 553 004
E-mail: maeds@amrs.pt
Site: www.maeds.amrs.pt
Blog: www.maedseventosactividades.blogspot.com
Copyright - Direitos reservados pelos autores e MAEDS.
Interdita a reprodução de imagens.

Capa

“Natureza Morta” (garrafaria do séc. XVIII). Foto de Rosa Nunes.

Execução gráfica

Ana Castela
Paula Covas

Impressão e acabamento

Tipografia Belgráfica

Depósito Legal

450333/18

ISSN

1645-0553

Tiragem

300 exemplares
Disponível online em: <http://maeds.amrs.pt/musa.html>

Setúbal, 2018

EDITORIAL

ARQUEOLOGIA E HISTÓRIA. AINDA O LEITO COMUM?

O presente volume de *Musa: Museus, Arqueologia e Outros Patrimónios* afasta-se formalmente, mas não na temática, do modelo até agora seguido. Nele se publicam as Actas do Encontro sobre *Arqueologia Urbana e História Local* de Homenagem ao Historiador e Arqueólogo João Carlos de Almeida Carvalho (1817-1897).

As actas celebram a memória de uma personalidade relevante, e renovam a aliança entre Arqueologia e História, assumindo, porém, o corte epistemológico com a tradicional subalternidade da primeira disciplina em relação à segunda. Ambos os domínios convivem agora em fraterna paridade.

Como é do conhecimento geral, a Arqueologia científica radicou as suas origens na Geologia, em Portugal no seio da Comissão Geológica, fundada em 1857 e muito particularmente nos trabalhos de Carlos Ribeiro, a quem se devem, na nossa região, a primeira carta geológica e as primeiras escavações na necrópole pré-histórica de hipogeus da Quinta do Anjo.

Carlos Ribeiro assumiu claramente estatura internacional ao liderar a reunião em Lisboa do IX Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-históricas em 1880.

Porém, sobretudo entre 1930 e o final da década de 1960, a Arqueologia viria a subordinar-se à História. Após a revolução democrática de 25 de Abril/74 e a institucionalização da Arqueologia como domínio autónomo, com licenciatura própria, este campo disciplinar criou alianças estratégicas com as chamadas arqueociências (ciências da natureza, física, química, genética)¹.

Superada a etapa de estagnação historicista, a Arqueologia soube, sem complexos de menoridade, ombrear “fraternalmente” com a História no estudo das sociedades humanas e suas temporalidades. Ultrapassou mesmo a sua

dedicação aos períodos de sua “exclusiva” responsabilidade ou quase (Pré-história, Proto-história e Antiguidade Clássica), para se debruçar sobre as sociedades medievais, modernas e contemporâneas. E perante algum questionamento sobre o interesse da Arqueologia da contemporaneidade, há autores que defendem uma Arqueologia contemporânea de compromisso ético: *Archaeology has a new ethical commitment: to recover evidence of the existence of the victims not just for therapeutic and juridical reasons, but for historical reasons as well. We cannot return them to life, but we can reintegrate them to the time of history from which they were expelled*” (González-Ruibal, 2016, p. 19)²

Recorrendo ao conceito-chave, específico da Arqueologia, de *tempo dos materiais* e à ideia de *heterocronologia*³, indispensável à compreensão da sobremodernidade que habitamos, vão perdendo sentido as fronteiras impostas pelas rígidas comportas que pretendem separar a Arqueologia pré-histórica da histórica ou da contemporânea; o acento tónico coloca-se no pensamento e acção arqueologicamente informados, porque na realidade trabalhamos dentro de um tempo múltiplo, desafiando ou desconstruindo realidades sociais que nos antecederam, complexas e também elas multitemporais.

Semelhante reflexão tem ocorrido na História⁴; o alargamento das suas fontes e temáticas, através de caminhos tradicionalmente pouco pisados, como a imprensa periódica ou os relatos orais de experiências vividas, ficam bem expressos neste volume.

Finalmente, na sua diversidade, a presente publicação homenageia justamente um dos mais ecléticos criadores intelectuais setubalenses de oitocentos, João Carlos d'Almeida Carvalho, cujas obra e actividade cívica continuam, volvidos quase duzentos anos, a inspirar as concepções humanistas dos nossos dias.

Joaquina Soares

(Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal)

1 - Ver a propósito: Martín-Torres, M.; Killick, D. (2015) - Archaeological Theories and Archaeological Sciences. In A. Gardner; M. Lake; U. Sommer (eds.), *The Oxford Handbook of Archaeological Theory*.

2 - González-Ruibal, A. (2016) - Archaeology and the Time of Modernity. *Historical Archaeology* 50(3), p. 144–164.

3 - Leduc, J. (1999) - *Les historiens et le temps*. Paris: Seuil.

4 - Le Goff, J. (2014) - *Faut-il vraiment découper l'histoire en tranches?* Paris: Seuil.

ÍNDICE

Nota de Abertura	03
Rui Garcia	
Editorial	05
Joaquina Soares	
No II Centenário do Nascimento de João Carlos D’Almeida Carvalho (1817-1897)	08
Horácio Pena	
Arqueologia Urbana e História Local	16
Preexistências de Setúbal. Intervenção arqueológica na Rua Arronches Junqueiro, 32-34	17
Carlos Tavares da Silva, Antónia Coelho-Soares, Susana Duarte	
Cerâmicas de paredes finas de <i>Salacia Urbs Imperatoria</i>. Recolhas de prospeção arqueológica	39
Eurico Sepúlveda, Catarina Bolila, Marisol Ferreira	
Fortificação Medieval de Setúbal. Identificação do núcleo defensivo da Ribeira ou “Castelo”	51
Joaquina Soares, Teresa Rita Pereira, Susana Duarte, Carlos Mouro	
Arqueologia urbana e o sismo de 1755. O contexto da Av. Luísa Todi, 170-178, Setúbal	79
Joaquina Soares, Susana Duarte, Carlos Tavares da Silva	
Silos de Francos e Portugueses em Vila Verde dos Francos – Alenquer	101
Guilherme Cardoso, Luísa Batalha	

O mundo numa casa. As importações no Espaço Cidadão (Palmela)	115	Atentado a Almeida Carvalho. (31 de agosto de 1855)	199
João Nunes, Eduardo Porfírio, Michelle Teixeira Santos		Albérico Afonso, Carlos Mouro	
O “Tombo da Câmara de Palmela” (séculos XIV-XIX). Da arqueologia dos documentos à arqueologia a partir dos documentos - um contributo de João Carlos de Almeida Carvalho	129	Fran Paxeco em Sesimbra	213
João Costa		João Augusto Aldeia	
Do cerimonial religioso ao aparato régio: o contributo de Almeida Carvalho para o estudo das celebrações em Setúbal na Época Moderna	141	A indústria de conservas de peixe em Setúbal durante a Grande Guerra (1914-1918): necessidades externas e ilusões transitórias	219
Maria João Pereira Coutinho		Diogo Ferreira	
A Roda dos Enjeitados	151	Notas sobre a indústria de curtumes setubalense	233
Rogério Palma Rodrigues		Carlos Mouro	
Referências literárias em acontecimentos, lendas e tradições da região setubalense, de João Carlos de Almeida Carvalho	163	Antigas Quintas de Setúbal – Espaços Físicos e Sociais	245
Fátima Ribeiro de Medeiros		Pedro Fernandes	
Estado liberal e poder municipal: Almeida Carvalho e a reforma político-administrativa de 1855	179	A Importância da Memória Viva no Estudo da História Local. Uma Proposta para a sua Preservação	253
Ernesto Castro Leal		Pedro Fernandes	
O feriado municipal e a memória colectiva setubalense	187	Centenários Bocagianos, momentos de homenagem a um poeta singular (sécs. XIX-XX)	261
Carlos Mouro, Horácio Pena		António Chitas	
		“Hoje ninguém trabalha!” – Resistência operária no concelho do Seixal em 1943	271
		Fátima Afonso, Fernanda Ferreira	

Fran Paxeco em Sesimbra

Fran Paxeco in Sesimbra

João Augusto Aldeia*

RESUMO

Antes do incidente jornalístico que provocou a sua ida para o Brasil, o jovem Fran Paxeco integrava o quadro de jornalistas do prestigiado jornal diário *A Vanguarda*, periódico lisboeta que veiculava uma amálgama ideológica em que se englobava o republicanismo, o socialismo, o anticlericalismo, o antimilitarismo e o federalismo. Foi nessa altura convidado para dirigir o semanário *O Cezimbrense*, iniciativa editorial dos sectores que em Sesimbra se opunham à política do rotativismo monárquico.

A repressão exercida sobre os responsáveis do periódico sesimbrense determinaram uma curta existência de apenas 13 edições. Também sobre Fran Paxeco recaiu a ameaça de um julgamento em tribunal militar, o que o levou a exilar-se no Brasil: mas ainda testemunhou e apadrinhou a formação em Sesimbra do núcleo fundador do Partido Republicano, ficando desta forma intimamente associado à história jornalística e política desta terra.

Palavras-chave: jornalismo político; imprensa local; republicanismo; socialismo; Sesimbra.

ABSTRACT

Just before the incident that led Fran Paxeco to go to Brazil, he worked as journalist for the prestigious daily newspaper *A Vanguarda*, a Lisbon newspaper that conveyed an ideological amalgam of republicanism, socialism, anticlericalism, antimilitarism and federalism. At that time he was also invited to direct the weekly *O Cezimbrense*, an editorial initiative of the sectors that in Sesimbra opposed the policy of monarchical rotativism.

The repression exerted on this local newspaper determined a short existence of only 13 editions. At the same time, Fran Paxeco became under the threat of a trial in military court, which led him to exile in Brazil. But even before, he witnessed and sponsored the formation in Sesimbra of the founding nucleus of the Republican Party, being thus closely associated with the journalistic and political history of Sesimbra.

Keywords: political journalism; local press; republicanism; socialism; Sesimbra.

OS ARQUIVOS CONCELHIOS E A HISTÓRIA DE UM ACERVO

“O jornal é um ariete indispensável à civilização dum povo” – lia-se a abrir a primeira edição do semanário *O Cezimbrense*, de 23 de Setembro de 1894, de que era redactor principal – o que equivalia à direcção política do jornal – o setubalense Fran Paxeco, que nessa altura ainda assinava Francisco Pacheco. Três anos depois, quando já se encontrava radicado no Brasil, não só

mudara a grafia do próprio nome, como publicara o livro *O Sangue Latino*, onde aplicava uma substancial modificação na grafia do português, da sua autoria, no sentido da sua “simplificação”, onde se incluía a referida alteração onomástica.

Nessa época em que dirigiu *O Cezimbrense*, Fran Paxeco pertencia também ao quadro de jornalistas de *A Vanguarda*, periódico lisboeta que veiculava uma amálgama ideológica em que se englobava o republicanismo,

* - joaldeia@gmail.com

o socialismo, o anticlericalismo, o antimilitarismo e o federalismo e que teve como principal porta-voz em Portugal, o publicista Magalhães Lima.

Quanto ao jornal, *O Cezimbrense*, era uma “folha semanal” de que se publicaram 13 números, entre 23 de Setembro de 1894 e 5 de Janeiro de 1895. Também o modesto periódico sesimbrense se inseria na corrente política republicana e tinha, como responsável pelo noticiário local, Artur Nunes Pinto Moita. O periódico lisboeta noticiou a existência de *O Cezimbrense*:

Visitou-nos ontem o nosso presado amigo e correligionário, Artur Moita, redactor do vigoroso semanário O Cezimbrense. Este nosso confrade tem atacado a fundo a corrupta politiquice local, representada num padre asqueroso, um médico sem dignidade e um politiquero repugnante (...) (A Vanguarda, 12-12-1894).

Publicaram-se em Sesimbra 4 jornais com a designação *O Cezimbrense* (em 1891, em 1894-95, em 1919-1920 e, finalmente, com início em 1926, o periódico que ainda hoje existe). Apesar da idêntica designação, são jornais diferentes, com linhas editoriais diferentes. Apesar de uma curta vida de apenas 13 edições, o periódico sesimbrense dirigido por Fran Paxeco apresenta um importante retrato da vida cultural e política de Sesimbra. Uma das novidades são as *Gebadas*, uma série de poesias sarcásticas com objectivos políticos e propagandísticos:

Padre, Filho, Espírito Santo,
É uma linda Trindade.
Cada um tem seu encanto,
Mas nenhum fala verdade.

Todos eles são distintos...
Todos ele são manganões.
O primeiro é lá dos quintos...
Todos são muito intrujões!

O Padre é mais verdadeiro;
De mentiras é bem farto,
Talvez por ser o primeiro...
Mete as santinhas no quarto.

A segunda tem talento
Tem juízo, é muito sério!
Em curas é um portento...
Mandando-os p'ró cemitério

O terceiro é um Zé Bolas...
Pedaço d'asno a valer!
Foi corrido das escolas
Pr'ás nobres ventas meter

(...)

A publicação editorial de Fran Paxeco no *Cezimbrense*, permite vislumbrar o pensamento político do jovem jornalista setubalense, traduzido nos editoriais que publicou regularmente naquela “folha semanal”, que comentaremos adiante, complementadas com extractos do livro *O Sangue Latino*, publicado pouco depois, e que nos permitem esboçar o pensamento político do jovem jornalista setubalense.

Para Fran Paxeco:

A velha sociedade portuguesa está prestes a exalar o último suspiro. Avizinha-se, a passos estugados, o seu ruidoso expirar. Esboroaram-se as crenças, desmoronaram-se as convicções. Desapareceu a pugna pelo interesse colectivo para surgir e triunfar a guerra egoísta, o fervilhar dos comodistas (...) É preciso que a derrocada seja estrondosa. O Caçador Simão escurraçar-se-á no capitalista da Junqueira, que entrou nestes reinos como marçano, à razão de 4\$500 réis mensais (...) Morre a gasta sociedade portuguesa. Suceder-lhe-á a moderna, a que constitui o quarto estado, uma sociedade de reparação e de justiça, moralizadora e equitativa, altruísta e benemérita (O Cezimbrense, n.º 10, 24-11-1894).

A “*derrocada estrondosa*” surge aqui como um eufemismo para a revolução, a alteração violenta do regime. Eufemismo a que recorrem igualmente outros pensadores desta época, como por exemplo o socialista Azedo Gneco, que usa a expressão “*comoção final*” com o mesmo significado. Escreveu ainda Fran Paxeco:

Em todas as épocas, por mais abatidas que se afigurem, à reacção dos governos corresponde sempre a resistência do povo. Todos o sabem. Revela-o, em largas páginas, tintas de sangue, a história. E estas lições são dum proficuo ensinamento. De 1820 para cá a nossa vida tem passado entre tumultos, ordinariamente originados pelos desmandos ministeriais. Aos períodos de mais audaz opressão – veja-se 1820 (?), 1828-34, 1836, 1846, 1852, 1870 – responderam os esmagados com rutilantes insurreições. Estes factos não esquecem a ninguém, não devem

O CEZIMBRENSE

FOLHA SEMANAL

REDACTOR PRINCIPAL
FRANCISCO PACHECO

SECRETARIO DA REDACÇÃO
ARTHUR MOITA

Publicações:—No corpo do jornal, linha 50 réis—Na secção annunciadora, 20 réis—Não se publicam communicações injuriosas, nem se restituem originaes não publicados—Annunciam-se publicações de que se reciba um exemplar.—Toda a correspondencia deve ser dirigida a Arthur Moita—Cezimbra.

Assignaturas: (pagamento adiantado)—Em Cezimbra: Seis mezes, 480 réis—Tres mezes, 240 réis—Fóra de Cezimbra:— Seis mezes, 540 réis—Tres mezes 270 réis—Numero avulso, 20 réis.

Redacção e administração—Rua de S. Paulo, 24—Cezimbra,

EXPEDIENTE

Rogamos a todos os cavalheiros a quem enviamos «O CEZIMBRENSE» o especial obsequio de o assignar. Caso não queiram corresponder ao nosso convite farão a fineza de o devolver acto continuo à respectiva administração.

O CEZIMBRENSE

O jornal é um ariete indispensável á civilização d'um povo. O livro, os grossos cartapacios, foram substituídos pelo portátil diario ou pelo ligeiro hebdomadário.

Ha proximaemente cinco seculos que Guttenberg, esse espirito portentoso, acareou a sublime idéa de passar ao chumbo os productos do pensamento humano, tendo por generoso objectivo a federação intellectual de todo o orbe.

Mal pensava, decerto, o genial allemão, que o seu miraculoso invento fructificaria tão exuberante e prolificamente. Da impressão das velhas e compactas biblias passou-se á composição de obras originaes dos bafejados pelo Increado, d'essas obras, mais ou menos longas, passou-se á confecção do jornal, que é hoje e será sempre o mais solido elemento da approximação do pensamento.

*

* *

Uma localidade que se prese, que queira propugnar activa e conscientemente pelos seus direitos, pelo seu engrandecimento, pela sua prosperidade moral e material, não pôde nem deve prescindir da posse d'uma publicação genuinamente sua.

Cezimbra, conquanto haja sido amesquinhada, espinhada, em tempos idos, por nababos rancorosos, gosa presentemente uma relativa tranquillidade, que lhe garantirá o mais proveitoso ascender na larga sirte do progresso.

E' este o primeiro periodico que se publica em Cezimbra. O muito amor ao torrão natal, ao seu embellezamento, á sua cons-

tante elevação, levou-nos a este empreendimento, que, sem duvida, é bastante escabroso.

Confiamos, porém, no disvelado auxilio dos nossos conterraneos para alimentar o modesto *Cezimbrense*. Con'amos n'ello sinceramente, pois cremos que todos se empenham na manutenção d'um orgão jornalístico que advogue strenuamente os interesses locais.

*

* *

Resta tocar um outro ponto:—o politico. Que politica seguimos? perguntar-nos hão. E' natural a resposta:—Seguimos a sacrosanta politica que põe acima de tudo e de todos a causa da patria, a unica que n'este momento critico e desolador se impõe a todos os que se devotam ardentemente a Portugal.

Nada pôde em nós a paixão de corrilho. Nada influirá para que nos transviemos do caminho traçado— a completa separação das luctas apaixonadas da desnortçada politiquice indigena.

Sempre serenos, sempre correctos, sempre cordatos, os redactores do *Cezimbrense* esforçar-se-hão por manter inalteravel a linha que n'este numero de apresentação gisam.

Vimos para trabalhar pelo desenvolvimento de Cezimbra em todos os seus ramos. Mais nada. Não nos movem paixões nem rancores d'especie alguma.

Que todos os que estimam o avançar da sua terra nos ajudem. E' este o nosso mais caloroso e expressivo voto!

NO SENADO MUNICIPAL

Sessão de 20 de setembro:—Foi aberta pela 1 hora e 40 minutos da tarde, estando presentes os srs. Carlos Caldeira da Costa, presidente; José Pedro Frade, vice presidente, e Carlos Antunes Pereira, deixando de comparecer os srs. vereadores Alfredo Larião e Ramada Curto.

O sr. Manuel Joaquim de Figueiredo, secretario da camara leu a acta da sessão anterior, que foi approvada e assignada. Leu

tambem uma circular do sr. governador civil de Lisboa, pedindo para a camara lhe expedir uma nota das contribuições directas do Estado lançadas durante o corrente anno n'este concelho. Foi mandada archivar, afim de se lhe responder em tempo devido.

Leu-se mais um requerimento de Manuel Seraphim, carregador pedindo á camara lhe prorogasse por mais 6 mezes o subsidio para a amamentação de uma sua filha.

Depois d'uma breve discussão, foi indeferido, por não ter apresentado razões do primeiro subsidio.

Não havendo mais nada a tratar, o sr. presidente deu por encerrada a sessão, que terminou depois das 2 horas da tarde.

AS PRISÕES E O SR. REGEDOR

De regedoria não pescamos... Se attendermos á mancha pouco vulgar por que o sr. Matta executa as leis que directamente lhe respeitam, mais perplexos ficamos.

Não é esta a occasião propria para mostrar-mos claramente como o mesmo sr. poderia executar especialmente nas pessoas que prende, quasi sempre injustamente, com grande gaudio dos felizardos Innocencios!...

Por isso sómente narraremos uma prisão feita na pessoa do sr. Carlos Frade, o Nico, que teve logar no dia 2 de setembro, pelas doze horas da noite!

Parece que havia a exercer qualquer vingança—por motivos que não sabemos nem desejamos saber—do sr. José Pedro da Matta no Nico que, em verdade se diga, não é muito bom.

Mas, emfim, a vontade do regedor sr. Matta foi feita no espagoso e inolvidavel largo da Misericordia, onde se achava o arraial do Carmo, o qual finalisou com esta apetitosa scena—que ultrapassou os limites do optimista programma.

Historiemos:—O Nico achava-se na barraca d'um tio, quando entraram dois sujeitos das suas relações, que n'esse santo

dia faziam parte da policia, habil e corajosamente dirigida pelo nosso regedor, que decerto passará aos annaes da historia!

Aproximando-se dos recém-chegados e por méra brincadeira, disse-lhes ironicamente que não bebesses vinho, porque se podiam embriagar. Franca e im parcialmente o dizemos: não acham's nada d'isto extraordinario, antes pelo contrario, acham-mol-o muito natural.

Um outro cabo—por ventura grande apologista do Deus Bacheho—que julgou a raticoa offensiva aos seus respeitaveis collegas, queixou-se ao seu superior Matta, participando-lhe o occorrido.

Este, desejando saciar os seus desejos, talvez affagados ha muito, mandou chamar immediatamente por seu subordinado, o Carlos, o qual disse ao mensageiro que nada queria do sr. José Pedro da Matta e que portanto o obsequiava se elle lhe fosse fallar.

Achamos justo o seu procedimento e advertimos o sr. Matta de que não são selvagens as pessoas que tem a infelicidade de estar em recinto em que o mesmo sr. esteja de serviço!

O respeitavel cavalheiro, não vendo cumprida a sua ordem, mandou injustamente prender o Nico, que descuidadamente esperava o sr. José Pedro da Matta julgando que a nobre auctoridade lhe quizesse apenas fallar particularmente.

Depois de ser inconvenientemente tratado—grande criminoso, á entrada para a cadeia, não querendo supportar a arbitraria prisão evadiu-se, refugiando-se em casa de seus paes.

O feroz Matta fez cercar a sua habitação por grande quantidade de cabos, que faziam a policia.

A's cinco horas da madrugada conseguiram metter o facinora na cadeia.

Por aqui terminamos, não sem prometter ao sr. Matta que breve voltaremos á carga, pondo a nú o seu carinho por varios Innocencios...

esquecer. Se o governo se inspira em Beresford, D. Miguel, nos Cabrais, o povo, o eterno massacrado, tem de inspirar-se nos feitos de Fernandes Tomás, D. Pedro IV, Passos Manuel, José Estevão, duque de Saldanha (O Cezimbrense, 3-1-1893).

Fran Paxeco assume-se com socialista: evoca o “evangelho socialista”, cita Proudhon e Marx, atribuindo a este o “início” do socialismo científico, o qual ele considerava ter sido melhor “compendiado e esclarecido” por Benoist Malon em *O socialismo integral* (O Sangue Latino, p. 85). Benoist Malon é hoje um desconhecido mas o “seu” socialismo foi assumido por Jean Jaurès, fundador do jornal *L’Humanité*, pai do revisionismo francês.

Na realidade, em vários parágrafos, e até mesmo nas páginas de *O Cezimbrense*, Fran Paxeco deixa clara a sua convicção de que a mudança da sociedade portuguesa teria de ser “abrupta”, ou seja, “violenta”, e que ilusões parlamentares apenas representariam uma perda de tempo.

A vizinha Revolução será profundamente transformadora (...) O momento próximo, do inverso do que acaçapou a nobreza para assentar os alicerces dum burguesia liberais e oca, egoísta e vazia, visará a consagração do código socialista, na sua mais lata acepção – o Bem da Humanidade (...) A política será então desinteressada e genuína, – uma autêntica ciência de observação e aplicação. O socialismo, quer se enfrente pela face colectivista, quer se atinja o desideratum comunista, oferece todas as vias de praticabilidade. A utopia de hoje, note-se, é a realidade de amanhã (O Sangue Latino, p. 87-88).

Poderíamos pensar que esta última posição o aproximaria dos marxistas – tal como quando afirma que “o mundo marcha para o individualismo em política – governo de cada um por si mesmo – e para o comunismo em economia – igualdade relativa de riqueza” (O Sangue Latino, p. 91-92); porém, embora citando Marx, o jornalista setubalense defende sobretudo o Federalismo e, desde logo, o Federalismo Ibérico, a união política de Portugal e Espanha. Este modelo político, que tinha eco em Portugal em adeptos de várias correntes oposicionistas da Monarquia, filiava-se em Proudhon, que considerava o federalismo, como o mutualismo transferido para a esfera pública (*História das Ideias Políticas*,

volume 2, p. 234). Para Fran Paxeco, a Federação é o:

(...) sistema pelo qual os diversos grupos humanos, sem perderem a sua autonomia no que lhes é peculiar e próprio, se associam e subordinam ao conjunto dos da sua espécie para todos os fins que lhes são comuns (O Sangue Latino, p. 256).

O jornalista atribui mesmo à Federação Ibérica a possibilidade de ser ela a iniciar a grande transformação mundial:

É iniludível: – da federação ibérica iremos para a federação latina e da federação das raças para a federação dos povos (O Sangue Latino, p. 259).

Este Federalismo proudhonianiano enfrentava alguma contestação; perguntavam os opositores: “Não querem a constituição? Querem abolir o governo? Então quem é que manterá a ordem na sociedade? O que é que põem no lugar do Estado? No lugar da polícia? No lugar dos grandes poderes públicos?” O próprio Proudhon respondera:

Nada. A sociedade é o movimento perpétuo, não precisa que a fortifiquem, nem que lhe marquem o compasso. Contém em si a mola, sempre tensa, e o seu pêndulo (La voix du peuple, n.º 89, 29-12-1849, citado em História das ideias políticas, vol. 2, p. 233).

Mas Fran Paxeco tem uma resposta mais substancial:

O parlamentarismo, tal qual se mecaniza actualmente, confina-se na improdutividade. Desejaríamos, em vez do presidencial patriarcado e da intrigalha parlamentarista, o funcionamento dum câmara única, formada de representantes das assembleias provinciais, das edilidades e dos institutos científicos. Este parlamento elegeria um conselho de 7 ou 8 membros, havendo um chefe sem pasta, imune da discussão activa. As suas deliberações seriam revogáveis, como já hoje acontece na Helvecia. O veto competiria ao povo e não ao magistrado supremo, o que atesta uma humilhação máxima (O Sangue Latino, p. 277).

Na esfera económica, a estatização serviria para eliminar a verberada “propriedade” (que já Proudhon considerara “um roubo”):

O estado socialista começaria por se tornar senhor das grandes indústrias do país, expropriando, por utilidade pública, os proprietários actuais. Encontramos o princípio consignado nas leis. Estes proprietários

deverão ser naturalmente indemnizados. A paulatina eliminação do direito de herança, que garante o ócio e o vício, revertendo os bens do orto para a comuna, regularizaria a reforma (O Sangue Latino, p. 96-97).

O clero, os militares, os capitalistas e, até, os funcionários, teriam os dias contados:

Para que alimentamos, por conseguinte, a parasitária e nociva seita sacerdotal? Para que despendemos tão quantiosas somas na manutenção de exércitos ociosos e apostemados? Para que sustentamos a hoste improdutiva e exageradíssima do funcionalismo? Para quê luxos pesados e exauridores, gente inábil e inútil? (O Sangue Latino, p. 88-89)

Ou, noutro passo:

O proletariado derrubará o privilégio dinástico, o fermentado [perjuro] catolicismo, o gordo capitalismo, o cego militarismo, inaugurando o consistente sistema do industrialismo e da ciência – Paz, Trabalho e Liberdade (O Sangue Latino, p. 90).

Vale a pena citar uma passagem em que refere a emancipação da mulher:

Executado o destronamento dos reis por “graça divina”, separada a igreja do estado, realizado o desarmamento geral, implantado o federalismo, proclamado o transitório colectivismo, emancipada a mulher, – teremos alcançado a maior parte das nossas aspirações (O Sangue Latino, p. 93-94).

Porém, esta libertação não seria exactamente no sentido da igualdade com o homem:

A mulher, em que outros adivinharão o pomo da discórdia, pairará superior aos ódios dum novo ser moral, semeando a perenal amizade e a dólrica música dum paradisíaco e terreal bem-estar. (O Sangue Latino, p. 95).

Porém, em Sesimbra, em 1894, não era fácil a execução duma política oposicionista. Tal como no resto do país, dominava o Rotativismo: os republicanos eram uma minoria e o socialismo, que chegaria em força a Sesimbra em 1896, implantando-se então no meio piscatório, nessa altura ainda não tinha expressão significativa na pequena vila. A amálgama ideológica veiculada pelo jornal *A Vanguarda*, e secundada pelo jornal *O Cezimbrense*, foi violentamente repelida pelos caciques rotativistas locais, nomeadamente

pela “Trindade” zurzida nas coplas acima transcritas: António Pinto dos Reis, prior da Freguesia do Castelo (o “padre”); Bernardino de Sena e Almeida Morujão, médico, facultativo do partido municipal (o “filho”); José Pedro Frade, vice-presidente da câmara municipal, proprietário de armações de pesca (o “Zé Bolas”). O responsável local pelo jornal, Artur Moita, foi agredido na rua e, de seguida, arbitrariamente exonerado das funções públicas que exercia, em Sesimbra, na repartição da Fazenda.

O nosso amigo e correligionário, sr. Artur Moita, redactor do Cezimbrense, foi cobardemente agredido por um caceteiro às ordens dos caciques locais (...) não contentes, porém, com a traiçoeira agressão, fizeram demitir do lugar que ocupava na repartição da fazenda o nosso correligionário (...) (A Vanguarda, 24-2-1895).

Apesar destas contrariedades, um mês depois desta agressão, constituiu-se em Sesimbra a primeira comissão municipal republicana, da qual faziam parte, para além de Artur Moita, Joaquim Filipe da Silva, e Figueiredo e Silva, tendo este acto fundacional contado com a presença de Francisco Pacheco, que ficou deste modo associado à história do republicanismo sesimbrense. (“A Propósito de um Inquerito”, *O Paiz*, nº 1443 de 13-2-1911).

Mas esta conjuntura acabaria por ditar o fim do periódico *O Cezimbrense*. Também terminaria abruptamente a carreira jornalística de Fran Paxeco em Portugal, nesta mesma altura, por causa da publicação de um artigo, ou melhor, de uma pequeníssima nota, um texto enigmático, sobre uma eventual querela entre o rei D. Carlos e o comandante das guardas municipais.

O general Queiroz / Continuam a acentuar-se as notícias relativas a um rompimento entre o sr. general Queiroz e o sr. D. Carlos, por motivos que não podem ser objecto de apreciações na imprensa. Estas notícias são o assunto de todas as conversações (A Vanguarda, 15-1-1895).

A questão, cujo real conteúdo desconhecemos, devia ser delicada, envolvendo uma filha do general Queiroz e o respectivo marido, o médico militar Duarte Egas Pinto Coelho.

A pequena “notícia” e o burburinho que desencadeou, colocaram o jornalista numa situação melindrosa, mas também algo insólita: embora o tipo de “jornalismo político” em que a nota de Fran Paxeco se encaixava, fosse comum na imprensa da época, podendo resultar, quando muito, num mero processo judicial sem consequências de maior, neste caso, perspectivava-se um julgamento em tribunal militar, com sequelas mais graves: Fran Paxeco, tendo embora deixado a vida militar e pertencendo às reservas, continuava submetido à legislação militar.

Ponderando a situação, e perante a perspectiva de ter de passar alguns anos na cadeia, Fran Paxeco decidiu refugiar-se no Brasil, onde iniciaria uma nova e brilhante fase da sua vida, na realidade, aquela que se encontra melhor documentada e estudada. Sobre essa fuga, publicou o livro a que já nos referimos, “O Sangue Latino”, obra que inclui também uma análise política sobre Portugal e a Europa, expressa agora mais livremente do que o poderia ter feito na imprensa portuguesa.

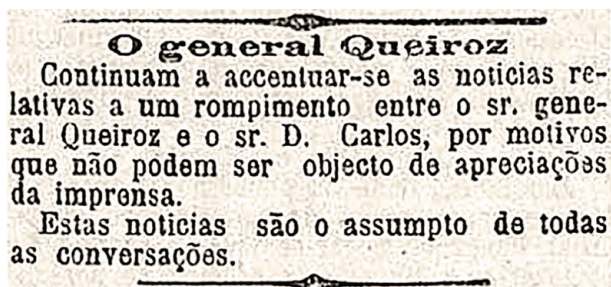


Fig. 2 - O “suelto” de Fran Paxeco no jornal *A Vanguarda* de 15 de Janeiro de 1895, críptica referência a uma intriga palaciana, que mudaria a vida do jornalista.

JORNAIS

(O) *Cezimbrense* (1894-1895), redactor principal Fran Paxeco.

(A) *Vanguarda* (1891-1911), Lisboa, direcção inicial de Alves Correia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Paxeco, Fran (1897) – *O Sangue Latino*. Lisboa: Typografia Renascença.